

A química e suas origens no Brasil

Heloisa Beraldo



**Origens da química
no Brasil**

Carlos Alberto Lombardi
Filgueiras
Editora Unicamp / SBQ /
CLE-Unicamp
504 páginas | R\$ 120,00

Segundo Carlos Alberto Lombardi Filgueiras: “O sortilégio da musa Clio é universal, pois não há homem sem história, mas ele se revela particularmente agudo entre homens de ciência”. Em *Origens da química no Brasil*, Filgueiras descreve não somente as origens da química, mas também as origens das ciências e das técnicas em nosso país. Fruto de cuidadoso trabalho de pesquisa em história da ciência empreendido pelo autor, o livro é ricamente ilustrado com figuras que coletou em museus e bibliotecas no Brasil e em Portugal, ou com material de sua própria coleção.

Começando com uma introdução sobre a natureza da história da ciência, o autor passa em seguida a um capítulo sobre a mundialização do conhecimento ocorrida nos séculos XVI e XVII, em que descreve as trocas de ideias, livros, plantas, animais e mercadorias, como resultado das grandes navegações e da exploração de novas terras. Descreve também o impacto da mundialização no acúmulo do conhecimento e na revolução científica, que a partir de então não pôde mais ser considerada um fenômeno puramente europeu, em razão das influências trazidas da América, da Ásia e da África à Europa. O autor menciona o efeito dos novos conhecimentos sobre os princípios da ciência existentes até então e comenta o papel fundamental que a periferia – o mundo extraeuropeu – exerceu sobre o fenômeno maior da história da ciência, a revolução científica.

Segue-se uma seção sobre o Brasil colonial e a química, que descreve as técnicas envolvidas na produção da cana-de-açúcar e de aguardente. O autor aborda ainda a terceira fase econômica colonial, a partir do final do século XVII, com os ciclos do ouro e dos diamantes, na qual serão necessários conhecimentos científicos de mineralogia e geologia. Há também uma análise da influência dos jesuítas na educação no Brasil Colônia e finalmente é discutida a contribuição científica dos holandeses durante seu domínio no Nordeste (1637-1644).

Um capítulo dedicado à ciência e às técnicas no século XVIII compreende a descrição de técnicas militares na produção de pólvora, de conhecimentos metalúrgicos e químicos relacionados à mineração e uma abordagem da medicina praticada no Brasil no mesmo período.

As contribuições de Vicente Coelho de Seabra Silva Telles (1764-1804), o primeiro químico moderno brasileiro, são tema de um capítulo, que se refere inicialmente à sua primeira obra, *Dissertação sobre a fermentação* (1787). Nesse trabalho, Seabra introduz a teoria do oxigênio de Lavoisier na literatura química portuguesa. A seguir o autor analisa duas obras publicadas por Seabra em 1788, um ano antes da publicação do *Traité élémentaire de chimie*, de Lavoisier: *Dissertação sobre o calor* e *Elementos de química*. Nelas, as interpretações da natureza da combustão e da redução alinham-se com as ideias do químico francês.

Um capítulo é dedicado às contribuições científicas de José Bonifácio de Andrada e Silva, os trabalhos publicados por ele e suas descobertas de novos minerais, entre os quais a petalita, um mineral de lítio. José Bonifácio tornou-se o único brasileiro diretamente envolvido nos eventos que levaram à descoberta de um novo elemento químico – o lítio.

Há um capítulo que trata das implicações da vinda da Corte portuguesa para o Brasil, tais como a institucionalização do ensino de ciências e o início da siderurgia no país. O gosto de dom Pedro II pela ciência é matéria de um outro capítulo, que contém informações sobre a formação científica que o imperador deu às suas filhas, e sobre o interesse da princesa Isabel pela química.

Um capítulo aborda as origens da universidade brasileira desde a vinda dos jesuítas, a fundação das primeiras faculdades de medicina depois da chegada da Corte portuguesa e o início das atividades de ensino superior, sem interrupção, com a criação da Real Academia de Artilharia, Fortificação e Desenho (1792), núcleo do que viria a constituir a atual Universidade Federal do Rio de Janeiro.

O autor optou por enfatizar o período compreendido entre os séculos XVI e XIX, reservando o capítulo final para nos dar sua visão da história da química e da modernização científica do país no século XX.

O texto, de leitura agradável, interessa não exclusivamente a químicos, mas também a cientistas de outras áreas e a historiadores.

Heloisa Beraldo é professora do Departamento de Química da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).